

Telas demais? Algumas respostas às questões do nosso tempo

O dossiê que preparamos para este número da revista *Rizoma* se propõe como uma pergunta: “Telas demais?” Interpelamos nosso tempo, nosso contexto tecnológico e esperamos ouvir experiências diversas a partir da pesquisa científica interdisciplinar. Nosso subtítulo permitia antever o acolhimento à diversidade de perspectivas e olhares: “Leitura, escrita, educação e comunicação em tempos de tecnologias digitais”, uma espécie de recorte elástico, capaz de uma permeabilidade entre áreas, o que também poderia implicar teorias, métodos e abordagens distintos, mas em diálogo. O que deveríamos ter em comum? Os objetos leitura e escrita contextualizados, isto é, na paisagem comunicacional que temos hoje e já há algum tempo. Com essa chamada, atraímos diversos trabalhos, vindos de instituições brasileiras de várias partes do país. Tais trabalhos foram lidos e avaliados por pareceristas especialistas e, ao final, pudemos oferecer ao público o conjunto de textos que aqui apresentamos.

A experiência durante a pandemia já faz parte das questões da educação e da comunicação; é incontornável. Embora não fosse nossa intenção explícita, quatro artigos que constam de nosso dossiê têm a crise sanitária mundial como pano de fundo. São tanto pesquisas científicas quanto, de algum modo, relatos dessa experiência compulsória e inédita.

Em “Avaliação da aprendizagem de línguas à luz de uma abordagem multimidiática e multimodal”, por exemplo, as pesquisadoras Dorotea Frank Kersch e Joyce Vieira Fettermann, ambas da Universidade do Rio dos Sinos (Unisinos), no Rio Grande do Sul, nos ajudam a repensar práticas pedagógicas a partir do ensino remoto emergencial, tocando especialmente na questão da avaliação do processo de aprendizagem, nó importante da questão. Elas discutem as percepções de professores de línguas de um grupo de pesquisa, a partir de questionários enviados e analisados durante a pandemia. O contexto imediato era uma instituição de ensino superior privada. A proposição das autoras é a aprendizagem baseada em projetos, considerada uma abordagem produtiva para a avaliação formativa.

Na sequência, a pesquisadora Andrea Ribeiro, professora da Universidade do Estado de Minas Gerais, relata “Em rede: uma experiência com projeto de letramento no ensino superior”, projeto desenvolvido no curso de Letras de uma instituição pública em Minas Gerais. A partir de uma atividade com estudantes de licenciatura, sob uma abordagem multimodal e multimídia, pôde-se refletir sobre o consumo e a escrita de conteúdos de redes sociais. Também implicadas na formação inicial de professores estavam as pesquisadoras Julianna Silva Glória e Ghisene Alecrim, provenientes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que nos apresentam o texto “Práticas

escolares com textos multimodais digitais a partir de formação *on-line* de professores”. O trabalho provoca reflexões sobre o planejamento de práticas com o que as autoras chamam de textos multimodais digitais, desenvolvidos por professores de todo o Brasil, durante a pandemia, num curso de formação *on-line* que visava a capacitar para o uso de tecnologias digitais na escola. A ação foi desenvolvida e implementada por um grupo de pesquisa, o Leitura, Escrita e Tecnologia, que se dedica a discutir a formação docente, defendendo a importância de lidarmos com os textos que circulam por meio de telas. Para as autoras, não há dúvidas sobre a importância do debate sobre essas práticas sociais nas escolas.

Cármina Geanini Nunes Monteiro de Souza e Rosemari Lorenz Martins, que desenvolvem pesquisa na Universidade Feevale, RS, por sua vez, são autoras do artigo “Desigualdades no acesso digital no ensino aprendizagem em tempos de pandemia”, que questiona nosso contexto mais geral, mas focaliza o processo de ensino e aprendizagem de estudantes com deficiência em uma escola pública de um município do Vale do Sinos, no Rio Grande do Sul. O trabalho reúne informações sobre os estudantes atendidos na rede pública dessa localidade, fazendo descrições e análises importantes sobre acesso digital e aprendizagem na educação especial. Tudo isso foi feito a partir de um questionário respondido pelas equipes diretivas, os professores de ensino regular e de AEE. Entre os resultados interessantes está que 80% dos estudantes da rede pública acessaram as aulas *on-line*, enquanto os demais receberam material impresso. Os motivos são descritos e comentados no trabalho. Já os jovens da educação especial ficaram sem atendimento, já que não houve programa específico dirigido a eles.

Como se vê, se para alguns as telas chegaram e os textos virtuais são profusos, para outros, o acesso é restrito, se não for nulo. É difícil, portanto, responder cabalmente à nossa pergunta inicial; assim como é fundamental conhecer os pontos de vista de quem tem ou não tem as telas de que tanto tratamos nas últimas décadas.

O artigo final deste dossiê é das pesquisadoras Vanessa Garcia, Agda Baracy Netto e Darliana Sidiclea França, que estão desenvolvendo suas pesquisas na Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), e tem o título “Poemar no virtual: proposta de uma oficina *online* como ponte entre as pessoas em meio à pandemia”. Trata-se de um relato de experiência em contexto universitário. A inspiração para a atividade foram poemas que provocavam um olhar renovado aos objetos do cotidiano. As autoras propõem uma aproximação entre teoria e prática, além da reflexão sobre os desdobramentos do agir poético, tudo durante a crise sanitária, claro.

Para encerrar o dossiê, apresentamos uma entrevista esclarecedora e inquietante com a professora Giselly Lima de Moraes, do Departamento de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), grande investigadora da literatura infantil digital e da formação de leitores no mundo contemporâneo. Nossa entrevistada abala nossas convicções sobre as práticas de leitura que pensamos conhecer, tocando em aspectos editoriais e educacionais muito relevantes hoje. Seu conhecimento sobre certo público jovem transcende esses possíveis limites e alcança o mais amplo de nossas reflexões.

Assim, felizes por cumprir esta missão e atender ao convite da *Rizoma*, esperamos ter contribuído para a diversidade de pontos de vista e respostas às questões,

tão prementes, sobre leitura, escrita e todas as telas da nossa paisagem comunicacional presente. Agradecemos à equipe deste importante periódico, às nossas instituições (no ensino, na pesquisa e na extensão) e ao CNPq. Boa leitura!

Ana Elisa Ribeiro
CEFET-MG, CNPq

Carla Viana Coscarelli
UFMG